

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos propormos investigar a flutuação existente no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil, tínhamos como objetivos precípuos descrever situações de flutuação, identificar fatores que a motivavam, além de determinar possíveis regularidades subjacentes a essa flutuação.

Com o intuito de alcançarmos esses objetivos, optamos por adotar como referencial teórico sobre categorias gramaticais a abordagem cognitivista da linguagem, já que tal abordagem prevê e tematiza em seu quadro a oscilação entre regularidades e irregularidades que caracteriza o comportamento das categorias gramaticais nas línguas humanas.

À luz da abordagem cognitivista adotada acerca das categorias gramaticais e também das categorias humanas de um modo geral, apresentamos as categorias *modalidade*, *modo* e *subjuntivo*, compreendendo-as como categorias assimétricas que apresentam efeitos de prototipia, possuem fronteiras pouco nítidas e estabelecem relações de semelhança familiar.

A partir dessa compreensão cognitivista do subjuntivo, reinterpretamos fatos descritos na literatura sobre esta categoria em português, de modo a explicitar quais são e como se relacionam as propriedades assimetricamente associadas a seu emprego.

Nesse sentido, verificamos que o subjuntivo em português pode estar ligado a usos modais, menos claramente modais ou mesmo não-modais.

Dentre os usos modais do subjuntivo, vimos que a vocação deôntica é cognitivamente mais básica do que a vocação epistêmica, originando-se do esquema da dinâmica de forças, mais especificamente do esquema de causalidade intencional. Os usos do subjuntivo que se verificam em estruturas tipicamente vocacionadas à expressão da modalidade deôntica são, portanto, mais prototípicos do que aqueles que se verificam em estruturas tipicamente vocacionadas à expressão da modalidade epistêmica – usos um pouco menos prototípicos.

Dentre os usos menos claramente modais do subjuntivo, estão aqueles que se verificam em estruturas expressivas avaliativas e em orações oblíquas finais, já que se enquadram de maneira duvidosa no esquema acima mencionado,

podendo se ligar à modalidade deôntica sem que essa conexão seja, contudo, evidente.

Dentre os usos não-modais do subjuntivo, estão aqueles que se encontram em orações oblíquas temporais, causais e concessivas, uma vez que se vinculam claramente apenas à ancoragem cognitiva básica da modalidade, mas sem projeção muito clara seja para a esfera deôntica, seja para a epistêmica.

No que se refere ao fenômeno específico da *flutuação* no emprego do subjuntivo, verificamos, através da análise de nossos dados, que *uma* de suas motivações plausíveis é a própria assimetria desta categoria, ou seja, o fato de que há construções em que sua identidade é mais nítida e construções em que é menos nítida.

Conforme demonstrou a análise de nossos dados, o fenômeno da flutuação no emprego do subjuntivo incidiu na região em que esta categoria tem uma identidade menos clara, a saber, em contextos não-modais. Além disso, o fenômeno da flutuação no emprego do subjuntivo incidiu também nas estruturas vocacionadas à expressão da modalidade epistêmica, especialmente nas orações dubitativas com *talvez*. Por ser uma projeção metafórica da modalidade deôntica, a modalidade epistêmica representa um uso um pouco menos básico ou prototípico do subjuntivo e, portanto, segundo nossa hipótese, uma região mais propícia à ocorrência de flutuação.

Nossa análise da flutuação no emprego do subjuntivo fala, pois, a favor de uma compreensão cognitivista não só desse fenômeno, mas também das categorias gramaticais nas línguas humanas de um modo geral.

Feitas essas considerações, julgamos conveniente recapitular os pontos principais de nosso estudo, apresentado-os nos seguintes termos:

- ⇒ As categorias gramaticais são, como as demais categorias humanas, tipicamente assimétricas, envolvendo melhores e piores exemplos, apresentando efeitos de prototipia.
- ⇒ A flutuação no emprego das categorias gramaticais pode estar associada à sua constituição tipicamente assimétrica e tende a ter maior incidência “fora” do núcleo prototípico da categoria.
- ⇒ A modalidade deôntica ocupa na categoria da modalidade uma posição central, sendo a modalidade epistêmica em larga escala uma projeção metafórica da esfera deôntica.

- ⇒ O modo verbal ocupa na supra-categoria da modalidade um lugar não central, constituindo assim um terreno naturalmente propenso à flutuação.
- ⇒ O modo subjuntivo em português organiza-se como uma categoria assimétrica, associando-se a uma gama heterogênea de valores semântico-pragmáticos e de construções morfossintáticas.
- ⇒ O núcleo prototípico da categoria do subjuntivo em português envolve a expressão da modalidade deôntica em atos de fala diretivos, em orações subordinadas complementares.
- ⇒ A flutuação no emprego do subjuntivo tem maior incidência “fora” do seu núcleo prototípico, em seus empregos não-modais em orações oblíquas e nos empregos em que se associa à modalidade epistêmica, notadamente em construções com o marcador *talvez*.

Esperamos que com este trabalho, que de maneira alguma pretendeu responder de forma abrangente e conclusiva a todas as questões que o tema “flutuação no emprego do subjuntivo” suscita, tenhamos apresentado resultados descritivos específicos que forneçam alguns elementos para a obtenção destas respostas e para questionamentos outros. Esperamos ainda que este trabalho possa contribuir não só para a descrição do Português como um todo mas também para a área de Ensino de Português como Segunda Língua, na qual um maior conhecimento sobre as zonas de discrepância existentes entre o emprego regular do subjuntivo e seus usos flutuantes é algo que acreditamos poder trazer proveito tanto para professores quanto para alunos da disciplina, possibilitando-os lidar com esta situação de forma mais clara e flexível.